

# “O HIP HOP ENQUANTO ELEMENTO EM PROL DA IDENTIDADE CULTURAL E SUA COLABORAÇÃO PARA ATIVIDADES DE LINGUAGEM E PRODUÇÃO TEXTUAL, NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA”

**<sup>1</sup>Renata Lacerda, <sup>2</sup>Marco Antonio Villarta Neder**

<sup>1</sup>Univap/ Faculdade de Educação, Rua Dorli Leal Moreira, 247, Conj. São Benedito, CEP 12.310-460, Jacareí, SP, docinho1792@hotmail.com

<sup>2</sup>Univap/ Faculdade de Educação, Estrada do Limoeiro, 250 - Jardim Dora, CEP 12305-810 - Jacareí - SP  
marcovillarta@yahoo.com.br

**Resumo** – Este trabalho visa contemplar o movimento Hip Hop, enquanto material e subsídio contemporâneo e relevante, para o trabalho de leitura, compreensão, interpretação e produção de texto em sala de aula, considerando que se trata de um movimento sócio-cultural importante para toda a sociedade brasileira, uma vez que vem resgatando valores da cultura afro-brasileira, bem como de excluídos, social e economicamente. A metodologia usada parte tanto de conteúdos bibliográficos acadêmicos - uma vez que, são inúmeros os lingüistas com estudos focados nesta linguagem expressiva - quanto das observações e relatos oriundos da Escola Pública Estadual Cidade Salvador II, do município de Jacareí, Estado de São Paulo. Os resultados vêm certificar a amplitude que esta ‘cultura de massa’ toma, diversificando possibilidades de aprendizagem e uso da linguagem formal e informal, em sala de aula, diante da difícil tarefa de ensinar a Língua Materna. Indivíduos que possuem uma identidade cultural se tornam indivíduos com maior capacidade de compreensão de mundo e, portanto, podem opinar sobre este mesmo mundo, a começar pela esfera local.

**Palavras-chave:** leitura, compreensão, produção de textos, identidade/senso crítico, cidadania

**Área do Conhecimento:** Lingüística, Letras e Artes

*“Que a identidade, seja dos indivíduos (por definição, seres não-divididos e indivisíveis), seja das agremiações como estado e nação, seja dos objetos de estudo e análise e, com freqüência defendida com amor e paixão – como língua e pátria, é um construto e não algo que se encontra por aí in natura, já se transformou em um lugar – comum nos círculos acadêmicos. Com certeza, essa nova percepção significa uma guinada radical na forma como a identidade era pensada até então”.*

*De todas as identidades, a do indivíduo é a mais difícil de ser pensada diferentemente, isto é, como algo em constante processo de (re) construção.*

*Kanavillil Rajagopalan.*

## **Introdução**

Considerando-se o fato de que as propostas e atividades do livro didático não se apresentam suficientemente atrativas aos alunos, cujos temas abordados nos textos são distantes da realidade e não despertam interesses, temos então o problema de que, o uso do material com base na gramática normativa faz das aulas, momentos de mera correção, bem como atividades mecânicas. A preocupação desta pesquisa, portanto, é proporcionar efetiva aprendizagem, de maneira a evidenciar as variáveis lingüísticas da oralidade,

da escrita e da produção textual. O trabalho com ênfase nas atividades de linguagem, leitura, reescrita e produção de textos, que aponte aos alunos essas variáveis, podendo conduzir à integração proposta. Após essas conclusões, inicia-se uma prática pedagógica com o objetivo de levar os alunos a constituírem-se verdadeiros produtores de textos. É importante que a pesquisa possa ajudar os professores a ampliar os horizontes dos alunos, obtendo um conceito geral entre aluno e a sala de aula.

Reconhecer os problemas que o aluno traz para dentro de seu convívio escolar, capacitando-o a compreender o espaço de exclusão, racismo e violência. Assim, propondo novas idéias para o imaginário do cotidiano bem como as representações sociais, na construção da identidade e na reconstrução sócio-histórica de sonhos, projetos e desafios para a educação e a política.

Mostrar que é possível uma intertextualidade entre a linguagem formal e informal enquanto formas de expressão, ou seja, valorizando o que o aluno traz para o convívio escolar: sua vivência, “ideologia” e sua identidade, através de textos e relacionamentos, podendo construir conhecimentos a partir desta ‘bagagem’ cultural, que possam levá-lo à uma formação social mais ampla.

Até este ponto, pode-se justificar a relevância do tema proposto, considerando-se que a Escola Pública é o âmbito no qual se fundem as diversas identidades de grupos sociais, em meio à pluralidade cultural estabelecida, e assim a escola pública é lugar, que por função social está implicada na formação de nossas identidades. Construir, afirmar e manter a escola como espaço de cidadania é um processo vinculado à formação de nossas crianças, adolescentes, jovens e adultos, ou seja, o direito à diferença e a igualdade reclama outros direitos, sobretudo, o direito ao conhecimento. O material "humano" funciona como estímulo para que o professor lance mão de outros recursos, que não apenas o livro didático. Em língua portuguesa, uma das propostas a ser explorada é a análise e a produção de textos.

Partindo do exame de algumas letras de rap e da observação empírica da identidade de muitos jovens e adolescentes, dentro do processo de identificação com o Rap, acreditamos que o rap enquanto universo musical e movimento social, possa ser pensado e debatido dentro de um espaço político-pedagógico, no qual a identidade surge decorrente das variações Lingüísticas e situações sociais diversas, que o movimento cultural Rap proporciona. Urge, portanto, a utilização deste espaço, bem como a ampliação dos instrumentos necessários para se trabalhar alguns dos objetivos disciplinares, em português, previstos pelo PCN.

Pretende-se mostrar a relevância do rap, enfatizando o emprego da linguagem formal e informal em sala de aula, podendo assim, trabalhar a construção de identidade, tanto quanto proporcionando ao aluno reflexão sobre o movimento social 'Hip Hop', além de aguçá-lo o senso crítico, através do qual ele passa a exercer efetivo exercício da cidadania.

### **Breve histórico sobre a Cultura Hip Hop, no Brasil – O que os livros ainda não trazem**

Surgido nos subúrbios de Nova York no fim dos anos 60, atualmente o hip hop é um dos movimentos culturais que mais cresce no Brasil. Cultura de rua que tem o poder de abrir novos horizontes para quem vive na periferia, o movimento engloba música (**rap**, de *rhythm and poetry*, ou ritmo e poesia), artes plásticas (**grafite**) e dança (**break**), unidos a mensagens de alto teor político que são transmitidas pelos **MCs** (master of ceremony, ou mestres de cerimônias), que falam ou declamam versos sobre uma base instrumental. Apesar de ser originário dos Estados Unidos, o hip hop no Brasil é extremamente forte e reflete o que pensa e o que sente uma parte significativa da juventude brasileira. Portanto, é necessário deixar o desconhecimento e o preconceito de lado e enxergar o hip hop como uma cultura que já se

tornou o maior movimento musical desde o surgimento do rock nos anos 50, saindo da periferia para ganhar adeptos em todas as classes sociais.

Os *hip hoppers* orgulham-se de trabalhar a auto-estima dos excluídos, recusar os estereótipos que associam periferia e criminalidade, desconstruir preconceitos e afirmar a negritude, numa verdadeira constituição da identidade negra, por meio da música. As roupas são largas, para facilitar os movimentos da dança, com estampas de números e letras. Gorros coloridos e cabelos que exaltam as raízes negras dão identidade ao visual e são usados para transmitir idéias. E se, no início dos anos 70, a motivação do rap e do break era defender, na rua, o espaço para a emancipação da cultura hip hop, hoje as manifestações ligadas a esse universo vão muito além das "*batalhas*" ou "*duelos*" (poesias criadas ao som do rap) ou dos *scratches* (arte de manipular o vinil) entre os "manos". O *MC Dom Negrone*, um dos nomes mais respeitados no movimento, afirma que utiliza a música como forma de manifestar sua preocupação com a questão social: '*A música é um instrumento de transformação da sociedade. Minha inspiração é o amor, só quero somar coisas boas para as vidas das pessoas. Abrir o coração para o amor e fechar a mente para a ignorância, essa é a postura que o hip hopper defende.*'

Mas que não se confunda hip hop com funk. Os hip hoppers consideram os funkeiros alienados, criticam suas músicas despreocupadas, suas letras leves e sua postura descompromissada. Eles preferem letras quilométricas, ásperas, diretas, sem meios-tons ou concessões, sem metáforas ou duplos sentidos. O que interessa é o engajamento político e a contundência do discurso. É importante passar uma mensagem. Nada de "um tapinha não dói" ou "me chama de cachorra". Eles falam mesmo é de "alcoolismo, vingança, treta, malandragem/mãe angustiada, filho problemático/famílias destruídas, fins de semana trágicos", como cantam os Racionais MC, um dos grupos de maior destaque no movimento. Já os grafiteiros, que se recusam a ser chamados de "pichadores", usam o spray como forma de limpar a sujeira visual das ruas e expressar suas idéias pela cidade. E o break é um protesto contra a violência. Sua origem está na guerra do Vietnã. Os primeiros breakers, ou b-boys, surgiram nas ruas do Bronx, em Nova York, no fim da década de 60, e protestavam contra a guerra do Vietnã por meio de passos de dança que simulavam os movimentos dos feridos. Cada movimento do break possui como base o reflexo do corpo debilitado dos soldados americanos, ou lembra um objeto utilizado no confronto com os vietnamitas, como o giro de cabeça, movimento em que o

dançarino fica com a cabeça no chão, mantém as pernas para cima e gira o corpo, como uma hélice de helicóptero.

O *b-boy Luck*, da Gang de Break Consciente da Rocinha, explica que o movimento obriga seus integrantes a lerem bastante, para poderem criar seus versos, e a manterem o corpo saudável, daí a necessidade de manter distância das drogas. O fato é que foi graças ao hip hop que os jovens da periferia deixaram de ser apenas uma estatística para ganhar voz. Há quem veja os hip hoppers como uma espécie de documentaristas dos excluídos, cronistas do subúrbio, porta-vozes da periferia, mas o movimento não se resume a isso. *"O hip hop é um grito inteligente de resistência à opressão e à marginalidade"*, ensinam as autoras do livro *"Hip hop - a periferia grita"* (Editora Fundação Perseu Abramo), Janaína Rocha, Mirella Domenech e Patrícia Casseano. *"É a resposta política e cultural da juventude excluída"*, escreve a jornalista Bia Abramo na orelha do livro.

## **Materiais e Métodos**

Para reunir dados, suficientemente científicos, com relação ao tema, foi necessário recorrermos a lingüistas e sociólogos, ou seja, literatura acadêmica na área da Lingüística e Semiótica, bem como realizarmos contatos e freqüente diálogo com Adolescentes e Jovens Adultos inseridos no Movimento Hip Hop, na cidade de Jacareí, cujos temas percorrem desde situações problemáticas do cotidiano jacariense, como também privilegiam questões mais amplas, sempre voltados para a cultura de periferia, dos menos favorecidos, dos excluídos quer seja social ou economicamente, além da questão de etnia negra. Pode ser observado ainda, através de contato com docentes da E.E. Cidade Salvador II, localizada no bairro Jardim Santa Marina, um maior rendimento e aproveitamento, daqueles alunos envolvidos com questões do movimento Hip Hop, nas disciplinas de Português, tanto quanto nas demais áreas do conhecimento humano, como história e geografia, uma vez que alunos inseridos em questões sociais sejam elas do Hip Hop ou simplesmente de Centro Comunitário, tendem a se tornar indivíduos mais atuantes socialmente, com senso crítico apurado e deste modo, conscientes de sua cidadania, direitos e deveres.

## **Resultados**

O caráter contestatório, expresso na conduta, no vestuário e no vocabulário dos integrantes do Hip Hop, é algo que vem incomodando desde então os setores mais conservadores da sociedade. A

reutilização de certos estereótipos, como uma espécie de elogio da diferença na construção de uma nova identidade, tem sido tática bastante empregada, principalmente por meio do rap.

O espaço demarcado pelo discurso hip-hopper é principalmente o da periferia. Mas não se trata da periferia apenas como espaço físico. Sob tal denominação, outros espaços também são demarcados.

A questão do espaço pode ser, de maneira geral, traduzida pelo seguinte: saber de onde se fala, quem fala e quem são os parceiros. No mais, os hip-hoppers de diferentes lugares se fundem e se confundem, não formando uma massa única, mas criando mil expressões nas quais se podem visualizar os guerreiros resistindo ao sistema a partir de sua potência de vida. Desse modo, os espaços vão se constituindo como locais de inscrição e territórios para a formação de uma rede – rede estética de amizade, espaço de reinvenção da diferença e construção de uma outra sociabilidade, a sociabilidade negro-juvenil- hip-hopper – urbana. Rap é compromisso, como cantou Sabotage, mas também, e principalmente, lazer e prazer.

Outro traço característico do movimento hip-hop é sua capacidade globalizadora, asseverada pela reunião de jovens de várias partes do mundo em torno de ideais e práticas culturais e políticas comuns. Há quem relacione diretamente hip-hop e movimento negro, classificando aquele como "movimento negro juvenil". Outros sublinham a ligação, mas de modo diferente, vendo o hip-hop como espaço de construção da identidade negra, sem, no entanto, reconhecer nele uma forma contemporânea e jovem do movimento negro.

Pouca ênfase tem sido dada ao trabalho social, político e cultural do movimento: sua tendência a voltar-se para a periferia, enfrentar a segregação sócio-espacial e os micro-poderes locais e acabar por criar processos educativos a partir das práticas culturais e da luta de seus membros pela cidadania.

O movimento hip-hop tem contribuído para que jovens negros, jovens das periferias, possam produzir o novo: novos desejos, novas crenças, novas associações, novas formas de cooperação. Ao produzir o novo, seus protagonistas deixam de ser apenas objetos e vítimas da forma de poder, passando a ser positividade crescente, que os sistemas de poder se esforçam por regular, modular, controlar.

## **Discussão**

À luz do amplo tema proposto, de cunho cultural, social e artístico, após salientarmos toda a gama de atividades realizadas nesta linha em que tem se tornado cidadão, seres anteriormente excluídos, tem de rever a postura do profissional

da Educação, principalmente na área do conhecimento que se refere à leitura, compreensão e interpretação e produção de textos, ou seja, o professor de português deve abrir-se a esta possibilidade de ampliar os horizontes de seu corpo discente, além de proporcionar-lhes desenvolvimento da auto-estima, devolvendo-lhes a devida dignidade, para só então poder efetivar o processo de ensino-aprendizagem da Língua Materna e um dos maiores problemas nela contido, ou seja, desenvolver no indivíduo sua capacidade de expressar-se.

## Conclusão

*Os homens mudam o mundo  
Ao mudar sua linguagem.*

*Heidegger.*

A análise dos dados observados, bem como dos textos e autores estudados, permite afirmar que dentre a população de alunos que cursam o Ensino Médio, muitas vezes noturno devido ao trabalho diurno, destacam-se consideravelmente no que se refere às habilidades de leitura, compreensão e interpretação, e ainda produção de textos, indivíduos que possuem maior afinidade musical e, portanto, cultural com o Movimento Hip Hop, uma vez que estes demonstram maior aptidão para identificarem seus direitos e deveres, além de destacarem-se ao expressarem suas opiniões, tanto na escrita quanto oralmente. Ainda urge ressaltarmos, que a linguagem formal e, portanto escrita, pode ir sendo adequadamente adquirida pelo jovem adulto, inclusive com maior facilidade, se houver algum vínculo do próprio indivíduo com o assunto tratado. Assim sendo, não há como negar o maior desenvolvimento das habilidades da Língua Materna, daqueles que não temem utilizar sua linguagem, e até este ponto, a cultura de massa devolvendo-lhes a dignidade, solta-lhes o grito preso na garganta, acalmado suas vozes e permitindo-lhes maior acesso social e político em sua comunidade, cidade, e assim sucessivamente, certificando-os enquanto cidadãos.

## Referências

TELLA, M.A.P. Rap, memória e identidade. In: ANDRADE, E.N. de (ORG.) – **Rap e Educação/ Rap é Educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999. 09 – 168 p.

JOVINO, I.S. Rapensando PCN's. In: ANDRADE, E.N. de (ORG.) – **Rap e Educação/ Rap é**

**Educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999. 09 – 168 p.

NEVES, L.A.D. Rap na sala de aula. In: ANDRADE, E.N. de (ORG.) – **Rap e Educação/ Rap é Educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999. 09 – 168 p.

GILIOLI, R.S.P. Educação Musical: A construção de uma identidade nacional Brasileira Excludente. In: GILIOLI, R.S.P.; PORTO, M.R.S.; CATANI, A.M.; PRUDENTE, C. (ORG.) – **NEGRO Educação e Multiculturalismo**. São Paulo, Panorama do Saber, 2002. 07 – 240 p.

Ferreira, M. A & ORRICO. **A construção de identidades e a política de representação**. 76 – 105 p.

JOVINO, I. S. A juventude e o HIP – HOP. **Revista: História Viva**, São Paulo, v.3, p. 76 – 77, Junho. 2006.